



Design e ecossocialismo – por onde começar?

Design and ecossocialism – where to start?

Tais Carneiro Figueredo, mestranda, UFMA

tais.cf@discente.ufma.br

Márcio Soares Lima, doutorando, UFSC

marcio.lima@ifma.edu.br

Raquel Gomes Noronha, doutora, UFMA

raquel.noronha@ufma.br

[T1. Sonhares: Futuros Regenerativos]

Resumo

O artigo apresenta reflexões iniciais, exploratórias, sobre o conceito de ecossocialismo em relação ao design. Partindo-se de uma Revisão Sistemática de Literatura, na qual poucas incidências são identificadas quando associamos os dois termos, busca-se conceituar e entender os debates acerca do tema. A partir de um dos conceitos que constitui o ecossocialismo, o Bem Viver, discorreremos sobre seus significados e implicações no campo do design. Como debates, consideramos que o ecossocialismo oferece uma alternativa viável para lidar com as crises econômicas atuais. Ele sugere que o design pode desempenhar um papel crucial na promoção de mudanças sociais e na melhoria da qualidade de vida e valorização de uma reconexão humano-natureza. Além disso, destaca a importância da vida no ecossocialismo e sugere que os processos de design podem ser conduzidos para dialogar com as dimensões ontológicas dos seres com os quais coabitamos o planeta. No entanto, são necessárias mais pesquisas para entender completamente as implicações do ecossocialismo e como ele pode ser implementado na prática.

Palavras-chave: Ecossocialismo; Design; Bem-viver.

Abstract

The paper presents initial, exploratory reflections on the concept of ecosocialism in relation to design. Starting from a Systematic Literature Review, in which few incidences are identified when we associate the two terms, we seek to conceptualize and understand the debates surrounding the topic. Based on one of the concepts that constitute ecosocialism, “Buen Vivir”, we discuss its meanings and implications in the field of design. As debates, we consider that ecosocialism offers a viable alternative to deal with current economic crises. He suggests that design can play a crucial role in promoting social change and improving the quality of life and valuing a human-nature reconnection. Furthermore, it highlights the importance of life in ecosocialism and suggests that design processes can be conducted to dialogue

with the ontological dimensions of the beings with which we cohabit the planet. However, more research is needed to fully understand the implications of ecosocialism and how it can be implemented in practice.

Keywords: *Ecosocialism; Design; “Buen Vivir”.*

1. Ponto de partida: uma introdução

Vivemos uma nova crise econômica global, marcada pela inovação tecnológica, expansão do processo de acumulação, precarização do trabalho e reforço dos papéis que cada país ocupa na divisão internacional do trabalho, sendo mais evidentes nas periferias do sistema.

A pergunta é: esse modo de vida faz sentido? Quais sentidos são construídos pelo design no modelo econômico capitalista de desenvolvimento? No modelo brasileiro de desenvolvimento material e humano, como se constrói o design? Quem constrói? Quem trabalha? Quem faz? No modelo ecosocialista de desenvolvimento, como se comporta o fazer e o ser designer? Existirá o profissional/pesquisador designer no modelo ecosocialista de produção, no qual os conceitos Justiça Ambiental; Decrescimento e *Buen Vivir* (Rodrigues, 2015) apresentam a base de entendimento relevantes para a proposta ecosocialista?

Neste contexto, a abordagem ecosocialista proposta por Michael Löwy (2014), sociólogo brasileiro radicalizado na França; Sabrina Fernandes (2019), economista brasileira e divulgadora de conteúdo digital e Kohei Saito (2021), filósofo japonês, configura-se como possível ao entender que algumas mudanças sociais precisam ser realizadas a partir de proposições palpáveis, e o design, enquanto ciência social aplicada, apresenta-se como ferramenta neste processo construtivo de tomada de consciência instaurada pelas diversas práticas do fazer, dentro de métodos analisados nas suas abordagens participativas e que privilegiam a prototipação social, como o design science, o design participativo e o design antropologia. Para tanto, faz-se necessário entender as possíveis relações que o design e o ecosocialismo propõem no âmbito de reflexões teóricas, para dar andamento a esta configuração científica de forma coerente.

Para começar, por que ecosocialismo? O princípio ecosocialista tem base marxista, no qual o modelo ecosocialista de planejamento em questão é a democratização radical da economia com severa atuação política da população nas esferas de poder, ponto este que se realizará quando a atual carga horária de trabalho, proposta pela atual CLT (carteira legal de trabalho), for reduzida. Esta mudança será conquistada com organização social, tendo como princípio a consciência de classe e o posterior posicionamento radical por parte da população, fazendo uso das tecnologias para trabalhar e gerar qualidade de vida para os cidadãos. Algumas indústrias serão desativadas e produtos sem muito sentido poderão ser retirados de circulação, uma vez que vêm deles o forte apelo de descarte, obsolescência programada e tendencioso desperdício de matéria-prima e de energia empregados na produção. Novos empregos serão criados ou simplesmente trabalhos hoje já executados serão valorizados na economia ecosocialista, que pouco atribui valor ao capital e muito atribui às diversas formas de vida na Terra (Löwy, 2021).

Essa abordagem relaciona-se ao processo descrito por Pelbart (2003) que relaciona o poder sobre a vida, engendrado pelas formas do capitalismo cognitivo, no qual a pulsão de vida das

peças é cooptada pela aceleração e entranhas do trabalho subvalorizado e, como resposta, surge a potência da vida – ao biopoder responde a biopotência – mas esse “responde” não significa uma reação, já que o que se constata é que tal potência de vida já estava lá desde sempre e que o que acontece é um fomento, pela autonomia emergente de novas formas de autogestão e governança da vida. A criatividade advinda da vida passa a ser o comum mais valioso.

Assim, a exaltação da arte neste possível modelo econômico, cívico e ecológico de vida como fator de desenvolvimento social e humano, farão com que a vida, no planejamento ecossocialista de civilização, seja valorizada por ela mesma, sendo o ponto de maior importância para esta construção teórica.

Rafael Cardoso (2020) afirma que o design se aproxima da vertente artística que, assim como a religião, a filosofia e a ciência, a arte busca respostas ou caminhos para representar as dimensões da mente humana através da realidade que cerca a vida. É a arte como “meio de acesso ao desconhecido”. E assim como na arquitetura e na engenharia, o design tem o propósito de moldar formas, construir espaços e definir relações por intermédio de marcadores visuais ou táteis (Cardoso, 2020, p.246). Nesse entendimento da relação do design com a arte, as possibilidades são infinitas, e o design se torna cada vez mais abrangente em um mundo complexo.

Mello *et al.* (2019) trazem o ecossocialismo como perspectiva alternativa ao desenvolvimento sustentável que, a mercê de proposições liberais, coloca o entendimento dessa construção social ecológica na vertente capitalista. Löwy (2021), embalado por estudos marxistas e ambientais, afirma que a civilização capitalista/industrial está baseada no acúmulo ilimitado do capital em uma construção de mundo que apresenta colapsos pelo prisma do aquecimento global, que carrega consigo a consequente injustiça ecológica e social. O autor propõe então uma grande transição das estruturas produtivas e ecológicas vigentes para o ecossocialismo (Löwy, 2021).

A ecologia política passa a discutir então os conceitos de ecossocialismo, juntamente com conceitos apresentados nas teorias ecológicas fundamentalistas; realistas e ecocapitalistas que, para cada caso, são apresentados mais de uma abordagem teórica dentro dos movimentos ecológicos e da teoria política (Viola, 1987). A pauta ecossocialista como vertente construtiva cívica, econômica e ecológica é discutida por Rodrigues (2015) também através do Ecologismo dos Pobres (Martínez-Alier, 2007), pelo movimento Decrescimento (D’Alisia, Demaria e Kallis, 2016; Latouche, 2009) e pela corrente *Buen Vivir* (Acosta, 2016). A partir de então foi realizada uma revisão sistemática de literatura (RSL) com o objetivo de encontrar documentos científicos, buscando resultados que dialogassem com a reflexão sobre o tema.

Nesta escrita, ao relacionar design e ecossocialismo, o conceito escolhido para debate é o *Buen Vivir*, *Vivir Bueno* ou Bem Viver no português, uma vez que foi nesta relação que se obteve resultados mais volumosos em plataformas virtuais de dados *online*, e então, na conjuntura apresentada, o objetivo deste artigo é discutir abordagens de trabalhos que relacionem Design e Bem Viver, no intuito de construir caminhos teóricos iniciais acerca do debate sobre ecossocialismo e design.

O artigo apresenta em seus próximos itens a abordagem metodológica da RSL e, em seguida, debate as principais abordagens de *Buen Vivir* encontradas e reflete, entrelaçando-as com o ecossocialismo e debates contemporâneos no campo do design.

2. Como chegamos a esse ponto? Procedimentos Metodológicos

Metodologicamente, este trabalho pode ser compreendido como uma pesquisa bibliográfica e exploratória, pois visa a levantar achados teóricos e discuti-los à luz da literatura consultada. Salientamos que esses achados foram tratados qualitativamente por meio de uma postura interpretativista (Gil, 2008). Isso significa dizer que as interpretações propostas acontecem após selecionar e analisar os textos que foram identificados na RSL, em forma de artigos ou periódicos. Gil (2008) salienta, ainda, que a seleção acontece de forma rápida, começando por ler partes do texto ou mesmo a orelha do livro, as notas de rodapé, para se entender o básico daquela proposta e direcionar os textos escolhidos para uma leitura detalhada na fase de análise do material.

O método de pesquisa aqui utilizado é a RSL que consiste em “(...) um método de pesquisa bibliográfica que objetiva um processo de levantamento de dados, onde são exigidas revisões rigorosas de publicações acadêmicas que permitam mapear evidências sobre determinado tema na área pretendida” (Obregon, 2017, p.13). Vale ressaltar, ainda, que este método é sistemático por ser realizado em fontes acadêmicas confiáveis, apresentando autores e datas das buscas de forma a ser possível mapear o estado da arte das pesquisas com substrato adequado para construção científica (op.cit).

Como justificativas para sustentar a pesquisa, os autores do trabalho citam: (I) motivação pessoal do grupo; (II) importância acadêmica; (III) necessidade de pesquisa nesta área, e (IV) fortalecimento da questão cívica do profissional e pesquisador designer através de desdobramento sociopolítico.

Em relação a essas quatro motivações que regem esta pesquisa, os autores veem uma lacuna que identificam através da Revisão Sistemática da Literatura, uma falta de trabalhos que associam design e ecossocialismo e, de acordo com a pesquisa, apresentam-se os seguintes resultados (Tabela 1):

Tabela 1: Design e Ecossocialismo

	Plataforma CAPES	SciElo	OasisBr
SEM BOLEADOR	0	0	4
AND	0	0	4
OR	0	22.986	63.527

Fonte: Autores (2023).

Além de relacionar os termos design e ecossocialismo, associou-se também algumas correntes ecológicas que compõem a proposta ecossocialista levantada por Rodrigues (2015), como o Ecologismo dos Pobres ou Justiça Ecológica, o movimento Decrescimento e a corrente Bem Viver, ligando-os ao termo design na pesquisa através dos boleadores AND e OR, dos quais trouxeram os seguintes resultados à pesquisa (Tabelas 2, 3 e 4).

Tabela 2: Design e Justiça Ecológica

	Plataforma CAPES	SciElo	OasisBr
SEM BOLEADOR	0	0	5
AND	0	0	5
OR	0	4.404	21.142

Fonte: Autores (2023).

Tabela 3: Design e Decrescimento

	Plataforma CAPES	SciElo	OasisBr
SEM BOLEADOR	0	1	159
AND	0	1	159
OR	0	22.996	196.901

Fonte: Autores (2023).

Tabela 4: Design e Bem Viver

	Plataforma CAPES	SciElo	OasisBr
SEM BOLEADOR	0	0	118
AND	0	0	118
OR	0	927	133.535

Fonte: Autores (2023).

Foram incluídos na RSL os artigos relacionados ao tema Bem Viver, os quais contabilizam 118 resultados como apresenta a Tabela 4. Foi utilizado como critério de seleção trabalhos publicados nos últimos cinco anos e, ainda, trabalhos publicados em português ou espanhol, uma vez que a corrente *Buen Vivir* é apresentada por pensadores Latino-Americanos e que também a vertente se configura em comunidades indígenas ancestrais que habitam a região. Com os dois critérios de seleção aplicados, restaram 51 publicações e destas foram excluídas os textos que traziam a palavra sustentabilidade como guia sem relacionar com o Bem Viver. Este último critério de seleção foi aplicado durante a fase de análise.

Por último, apresentamos a estrutura da pesquisa que está dividida em três partes: (I) o referencial teórico, que traz autores que abordam temas que possam ser suporte para o debate

sobre design e ecossocialismo; (II) o tema *Buen Vivir* apresentado por alguns autores, trazendo à tona o bem viver em oposição ao “viver melhor”, ao “viver bem” ocidental, que explora o máximo dos recursos disponíveis até exaurir as fontes básicas da vida. Assim, o Bem Viver tem um forte sentido presente, contrapondo-se à iniquidade própria do capitalismo, em que poucos vivem bem em detrimento da maioria. Ou seja, o viver bem está associado ao consumo; e (III) as considerações finais, que apresentam sugestões para futuros estudos e sublinham as contribuições deste artigo.

3. Como iremos adiante? Reflexões sobre *Buen Vivir*, *Vivir Bueno* e Bem Viver

Para René Ramirez, ex-secretário de Planejamento do Equador, o Bem Viver se configura como oposição aos preceitos tradicionais capitalistas e socialistas por enquadrar o termo “bio” na proposta, que relaciona a questão social com Natureza, definindo o Bem Viver como um conceito biossocial, republicano e igualitário (Gudynas, 2011).

Rodrigues (2015) apresenta um panorama dos conceitos de Bem Viver pelas propostas equatoriana e boliviana traduzidas para *Buen Vivir* e *Vivir Bueno* respectivamente. A proposta equatoriana vem da língua *kichwa*, a partir do termo *sumak kawsay*, que significa uma vida plena em sociedade, enquanto o conceito boliviano vem do povo *aymara* com o termo *suma qamaña*. Na nota de Tadeu Breda sobre a tradução do termo Bem Viver para o livro “O Bem Viver” de Acosta (2016), no qual a tradução correta do termo seria Bom Viver, respeitando a origem equatoriana do termo *Buen Vivir* que vem da língua *kichwa*, apresentada anteriormente, “onde *buen* e *sumak* são originalmente adjetivos, assim como ‘bom’ – seu melhor sinônimo em português” (Breda *apud* Acosta, 2016, p.10). Porém, na tradução do termo para a língua portuguesa optou-se por considerar o Bem Viver que vem se construindo em cenário político e em movimentos sociais, sem desrespeitar as diferentes filosofias indígenas que dão origem ao conceito na América Latina, pontuando de forma específica a origem *kichwa*, *aymara* e guarani, e as interpretações dos povos *wara*, também do Equador, com o significado de vida boa do *Shuar*, e o termo *kume mongen*, dos mapuche no Chile (Rodrigues, 2015, p.53).

O Bem Viver é uma abordagem filosófica que se constrói em pautas indígenas sul-americanas e engloba os direitos da Natureza, interpretando também o ser humano como ser natural. O Bem Viver difere do conceito ocidental de bem-estar, o estado de bem-estar social do qual alguns países europeus propuseram nos anos pós-segunda guerra mundial, que tinha como consequência as imperiosas ações do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Acosta, 2016). Porém, as ações propostas para alcance desse Estado de bem-estar social europeu e de outros países do norte do globo, apresentam-se pela lógica desenvolvimentista que não se sustenta por ela mesma, pois traz consigo a prática da extração dos recursos naturais, do máximo rendimento, do trabalho exaustivo para aqueles que estão no sul global; “é a lógica do acúmulo de capital incessante que tem como consequência o subdesenvolvimento de países exportadores de matéria-prima, como uma continuação dos sistemas colonizadores” (Acosta, 2016, p.50-51).

Uma importante contribuição ao debate do Bem Viver em cenário econômico e histórico-político vem do direito. Lloredo (2020) detalha a história do direito ao bem comum – com

atenção sobre a mudança de termo – em cenário latino-americano, no qual a terra é atravessada por este bem comum de povos tradicionais que habitavam e ainda habitam tal território. Na modernidade, a terra passa a ser propriedade privada e nesta perspectiva ela está sujeita àqueles que possuem o direito a ela, o que contribui com a desertificação de propriedades amazônicas quando desmatadas por proprietários que fazem da terra um meio de produção desenfreada. Esse direito, então, provoca debates com ambientalistas, comunistas, indigenistas, socialistas e outras vertentes ideológicas e políticas, que encaram o direito à propriedade privada dos meios de produção como um meio que possibilita severas consequências sociais e ambientais em países onde esse direito é regulamentado pelo estado, através de instituições jurídicas que contribuem para o fortalecimento da prática predatória da terra como forma de obtenção de lucro. O bem comum então não acontece neste contexto, e ainda, o bem comum de povos, comunidades, grupos e pessoas que fazem usufruto da terra, é retirado.

(...) precisamente, los comunes se definen como aquellos bienes que no están sujetos ni a las reglas del mercado ni a la gestión coercitiva del Estado; que no se ubican ni en la categoría de la propiedad privada ni de la propiedad pública, sino que se basan en los principios de uso, libre acceso, cooperación y autogestión (Lloredo, 2020, p.218).

O autor ressalta também que as diferenças entre público *versus* privado, Estado *versus* mercado, quando configuradas pela lógica capitalista, tornam-se uma ilusão ou uma armadilha que promove o sustento do sistema.

Uma vertente importante deste movimento latino-americano sobre o Bem Viver é a emergência de produções acadêmicas e literárias advindas de autores e autoras indígenas. Muitas advindas da academia, como Rivera Cusicanqui (2022), Baniwa (2023), De La Cadena (2018), mas também advindos da *práxis* do ativismo e da luta por seus territórios e direitos, como Krenak (2020; 2021) apresenta tais autores no relato, na defesa e na argumentação dos impactos do extrativismo em seus territórios bem como na mudança das feições da vida, ao longo de brutais intervenções na Natureza.

Em suma, tais autores reivindicam uma mudança radical de postura: não somos homem e natureza, mas todos fazemos parte dela. Advogam pelos direitos de tais entes, como montanhas, rios que são parentes e não entidades apartadas dos corpos humanos. Enfim, denunciam a violência capitalista sobre a vida.

4. A que ponto chegamos? Considerações sobre o ecossocialismo.

Uma visão crítica sobre este tema nos leva a uma reflexão sobre o papel do design enquanto criador de forma, função e significado, não só de maneira eficiente na performance e no alcance de mercado, mas como instrumento de transformação da construção social e ecológica. Esta é uma proposta de atuação do designer na construção de um imaginário coletivo de futuro, sua interação enquanto modificador do mundo material, com o uso da ferramenta permacultural, por seus princípios e sua ética e a sua capacidade de organizar o coletivo, maximizar a colaboração entre seres vivos, rumo a um objetivo que é político, econômico e material, que pode propor o Bem Viver.

O ecossocialismo é uma proposta política que evidencia as contradições do modelo produtivista soviético e as incoerências do modelo econômico capitalista que se sustenta por uma lógica desigual de produtividade (Norte *versus* Sul), trabalho extensivo e ruptura com a Natureza. O ecossocialismo é marxista ao passo que Marx e Engels, ainda no século XIX, trouxeram importantes contribuições científicas ao entendimento do capital enquanto produtor de severas desigualdades sociais e ainda, é com os conceitos estruturados por Marx que se possibilita entender o ecossocialismo em análises também produtivas, mas com uma lógica de produção que questiona o conceito de desenvolvimento e traz o Bem Viver como importante pauta estrutural desse novo modo de produção e consumo humanos, evitando o antropocentrismo e exaltando o biocentrismo (Rodrigues, 2016).

Neste sentido, o VIII Simpósio de Design Sustentável (2021) trouxe a conceituação de um design biocêntrico, como aquele que traz a vida para o centro do processo criativo. Tal debate relaciona-se à discussão de Pelbart (2003) sobre a potência de vida, que passa a ter preponderância no debate e no ativismo contra as consequências nefastas do capitalismo em nossa sociedade. Tal proposição, de um design biocêntrico (VIII Simpósio de Design Sustentável, 2021), propõe a reintegração da corporeidade, apartada pela cisão entre natureza e cultura pelo arcabouço epistemológico em que subjaz o capitalismo, ainda no momento de sua constituição, no século XVIII.

É entendido que o ecossocialismo é uma proposta política que possibilita uma grande transição humana e ecológica e nela o design pode se desenvolver também, respondendo por mecanismos ou estruturas diferentes daqueles que o capitalismo propõe. É neste novo modelo de sociedade e, por consequência, nesta nova proposta de vida, de produção e de consumo, que o design se fortalece enquanto ciência, nos âmbitos das práticas participativas do design, entendendo-as como mobilizadoras e propulsoras de autonomia e de imaginação de futuros outros, conforme propõe o antropólogo Arturo Escobar (2020; 2016).

Quando o design acontece em coletivo, como se apresenta em comunidades indígenas, grupos tradicionais ou comunidades criativas, que ganham sua força de trabalho dentro de uma resposta no tempo de ação da natureza, que cerca o habitat de cada uma dessas comunidades ou grupos, observando-se que é este tempo de ação que determinará a existência do produto, ele, o design, dentro de abordagem da autonomia, assume por completo sua dimensão política.

É possível, desde agora, desdobrar caminhos do design para o alcance do ecossocialismo, ou então, para o alcance de uma sociedade que propõe o Bem Viver como filosofia de vida, fazendo do design um condutor das atividades práticas na produção de utensílios ou de outras ferramentas em uma sociedade que questiona consumo e, ainda assim, continua com necessidades a suprir. Assim, a questão recai sobre raciocinar a prática projetual que pode continuar favorecendo necessidades que nascem de um modo de vida exagerado, em valores que privilegiam o ter ao ser. Desse modo, o design se fortalece em abordagens que propõem realizar um produto ao viver o tempo da natureza, para desenvolver produtos ou processos eficazes em uma sociedade que apresenta agora outro olhar sobre o real, sobre aquilo que se configura necessário, respeitando o tempo também das pessoas que pode deixar de ser acelerado se for elaborada outra abordagem produtiva. O Bem Viver vem como consequência desta construção.



5. A que ponto chegamos? Análises sobre Design e Bem Viver

De acordo com Acosta (2016), o Bem Viver supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa. Por isso mesmo, as discussões sobre o Bem Viver, termo em discussão, são enriquecedoras para o debate do designer enquanto pessoa, cidadão e profissional. Ao relacionar design e Bem Viver, na plataforma *online OasisBr*, foram encontrados mais de 100 artigos e, destes, alguns foram selecionados para análise.

Em grande parte dos artigos encontrados, o termo Bem Viver não está descrito como referência para embasamento dos trabalhos de design, mas o termo sustentabilidade aparece com frequência nos documentos científicos encontrados. Nesse sentido, os termos design centrado no humano, design participativo e projetar com atenção ao ambiente físico, social e emocional do usuário e participantes do projeto aparecem quase como requisitos, como nos dois exemplos citados no VIII Encontro de Sustentabilidade em Projetos, ENSUS (2020), com a proposta de um laboratório móvel de costura e modelagem e com o projeto de armário colaborativo. Neste último, o trabalho proporcionou mudança de comportamento associado ao *upcycling* e economia colaborativa (VIII Encontro de Sustentabilidade em Projetos, 2020, p.350).

Mais uma vez, o design sustentável está associado à perspectiva do Bem Viver, no texto de Silva (2021), no qual a autora aborda o fortalecimento de práticas comunitárias, ou seja, a *práxis* de uma lógica produtiva realizada em grupo e propondo mudanças em escala local com utilização de materiais biodegradáveis ou de baixo impacto ambiental, como acontece em comunidades indígenas que produzem e consomem o suficiente. Também trabalha a abordagem de que alguns países que propõem o design sustentável através de Comunidades Criativas e Inovação Social, ressaltando a valorização de práticas artesanais locais sem desmerecer o conhecimento que a proposição de novas tecnologias oferece (Silva, 2021). Esses países trazem a economia do conhecimento como guia para o fortalecimento dessas práticas e estão localizados no centro do capital mundial.

Uma importante contribuição ao relacionamento do design com Bem Viver é a abordagem do design como prática educativa pela valorização de um conhecimento que não consta nas estruturas pedagógicas das escolas locais. É a prática do fazer, que vem sendo abordada por autores como Arturo Escobar, colombiano, e Tim Ingold, inglês. A prática do fazer é fortalecida quando se conquista espaços políticos na sociedade, com articulação e consciência da importância das práticas tradicionais, muitas vezes passadas de geração em geração, podendo a escola abarcar esse conhecimento através do design como propõe Vallejos *et al* (2022). O design como artifício pedagógico é alcançado com respeito e valorização pela cultura de cada local.

6. Considerações Finais



A abordagem ecossocialista é destacada como uma alternativa viável para lidar com as crises atuais. Baseado nos princípios marxistas, o ecossocialismo propõe uma democratização radical da economia e uma redução na carga de trabalho atual. Isso seria alcançado através da organização social e do uso consciente da tecnologia para melhorar a qualidade de vida.

O ecossocialismo é apresentado como uma alternativa ao desenvolvimento sustentável, que é frequentemente enquadrado dentro de uma perspectiva capitalista. E, por outro lado, valoriza todas as formas de vida na Terra e vê a arte como um fator crucial para a autonomia social e humana frente à exploração ilimitada da natureza.

As principais descobertas da pesquisa identificadas pelos autores incluem a importância do design em diferentes contextos econômicos e a potencialidade do ecossocialismo como uma alternativa viável para o futuro, além de destacar a relação entre design e arte e como o design pode ser usado para moldar formas, construir espaços e definir relações.

Essas descobertas têm implicações significativas na forma como entendemos o papel do design em nossa sociedade e economia. No entanto, as limitações dessas descobertas incluem a necessidade de mais pesquisas para entender completamente as implicações do ecossocialismo e como ele pode ser implementado na prática.

Como contribuições para o conhecimento existente, esta pesquisa colabora ao explorar o papel do design em diferentes contextos econômicos e sociais. Ele também destaca o potencial do ecossocialismo como uma alternativa viável para o futuro.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Editora Ubu, 2020.

D'ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgios. **Decrescimento**. Vocabulário para um novo mundo. Tomo Editorial, 2016.

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antro-po-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Published by Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica, n. 69, p. 95-117, abril 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324815113_Natureza_incomum_historias_do_antro-po-cego. Acesso em: 17 set. 2023.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

FERNANDES, Sabrina. **Fundamentos do Ecossocialismo**. [049]. 2019. 1 vídeo (19:35 minutos). Publicado pelo canal Tese Onze. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WcpZG3HkEtQ>. Acesso em 10 jan. 2023.



GUDYNAS, Eduardo. **Buen Vivir**: Today's tomorrow. Dezembro de 2011. Disponível em <http://www.palgrave-journals.com/development/journal/v54/n4/full/dev201186a.html>. Acesso em 10 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil**. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

LLOREDO ALIX, Luiz. Bienes Comunes. **Eunomía**. Revista en Cultura de la Legalidad, n. 19, p. 214-236, out. 2020/ mar. 2021. Disponível em: <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/EUNOM/article/view/5709>. Acesso em: 16 set. 2023.

LÖVY, Michael. **O que é o Ecosocialismo?** Editora Cortez, 2ª edição, 2014.

LÖVY, Michael. Ecosocialismo. O que é, por que precisamos dele, como chegar lá. **Germinal**: marxismo e educação em debate, Salvador, n. 2, v. 13, p. 471-482, ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/45816>. Acesso em: dec. 2022.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres**. Editora Contexto, 2007.

MELLO, Denis; LIMA, Bruno; SIMÕES, André; DOMINGUES, Mariana; CORRÊA, Carolina; SOUZA, Fernanda; GONÇALVES, Ingrid; FINOTTI, Júlia; SHIMABUKURO, Letícia. Ecosocialismo - Reflexões sobre o conceito a partir da obra “O que é Ecosocialismo” de Michael Lövy. **Revista Desafios**, São Paulo, n. 1, v.6, p. 31-44, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335777022_ECOSOCIALISMO_-_REFLEXOES_SOBRE_O_CONCEITO_A_PARTIR_DA_OBRA_O_QUE_E_ECOSOCIALISMO_DE_MICHEL_LOWY_Ecosocialismo_-_reflexiones_sobre_el_concepto_a_partir_de_la_obra_que_es_ecosocialismo_de_Michel_Lowy. Acesso em: 8 set. 2023.

OBREGON, Rosane de Fátima Antunes. **Perspectivas de pesquisa em design**: estudos com base na Revisão Sistemática de Literatura. Erechim, Editora Deviant, 2017.

PELBART, Peter Pal. **Vida Capital**. Ensaios de Biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2003.

RIVERA Cusicanqui, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una relexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2022.

RODRIGUES, Arlindo Manuel Esteves. **Ecosocialismo**: uma utopia concreta. Estudos das correntes ecosocialistas na França e no Brasil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3613/1/Arlindo%20Manuel%20Esteves%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

SAITO, Kohei. **O ecosocialismo de Karl Marx**: Capitalismo, natureza, e a crítica inacabada à economia política. Boitempo Editora, São Paulo, 2021.

SILVA, Julia Teles. O Bem Viver e perspectivas para o design sustentável. **Dossiê PPGDesign UFCG**, Universidade Federal de Campina Grande, n.1, v. 6, p. 142-156, 2021. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/332>. Acesso em: 29 ago. 2023.



VALLEJOS, Ivan Alexander Ibarra; SCHLEMER, Liliane Christine Alcântara; ZÚÑIGA, Christian Henríquez. Artes, ofícios e saberes locais: Desenvolvimento a escala humana e Bem Viver para um microsistema educativo em São Gonçalo Beira Rio, Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, v.35, p. 331-360, 2022. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/20837>. Acesso em: 8 set. 2023.

VIII ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, EnEO 0182, 2014. [Gramado, RS]. **Anais eletrônicos**. [Design Science: Perspectivas paradigmáticas e comparações em estudo de caso e pesquisa-ação], maio 2014. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=&cod_evento_edicao=72&cod_edicao_subsecao=1045&cod_edicao_trabalho=16869. Acesso em: abr. 2023.

VIII ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETOS, ENSUS 2020, 148, 2020, [Palhoça, SC]. **Anais eletrônicos**. [Design e Vir-a-Ser: Capacitação profissional para desafios sociais e ambientais]. UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, 14 maio 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229653>. Acesso em: 8 set. 2023.

VIII SIMPÓSIO DE DESIGN SUSTENTÁVEL, SDS, 2021. [Curitiba, PR]. **Anais eletrônicos**. [Designs por vir: vida, movimento, corporeidade], dez. 2021. Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/sds/sds/paper/viewFile/4570/1060>. Acesso em: 15 set. 2023.

VIOLA, Eduardo J. A heterogeneidade política. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 4, v. 3, jun. 1987, p. 45 - 49. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/PNkC69WWjvmxwWYx6ZNdtWj/?lang=pt>. Acesso em: 10 de set. 2023.